



MARILYNNE ROBINSON

Gilead

Vencedor do prêmio Pulitzer


VIDA NOVA

Leitores que não se interessam em religião se deleitarão neste hino à existência. *Gilead* é uma história que captura os esplendores e as armadilhas da existência, vista pelo prisma de como tudo é passageiro.

—*The Atlanta-Journal Constitution*

Artigos de fé silenciosamente poderosos e comoventes.

—*The Oprah Magazine*

Gilead é um romance moral e emocionalmente complexo onde cada palavra é imprescindível. Um clássico que deve ser lido, saboreado e lido repetidas vezes.

—*The Courier-Journal* (Louisville)

Na beleza absoluta de sua prosa e na ferocidade de sua paixão, *Gilead* é uma obra espantosa: uma composição, ao que tudo indica, simples que revela estruturas mais complexas e delicadas quanto mais nos aproximamos dela. É um romance sutil, trabalhado de forma admirável e com uma profundidade comovente.

—Gregory Feeley, *The Weekly Standard*

Às vezes, entre uma passagem silenciosa ou outra, o leitor pode sentir que o narrador estendeu a mão, colocou-a em nossa cabeça e nos abençoou com a dádiva de sua vida humilde e nobre.

—*The Miami Herald*

No momento em que a história cultural é dominada pelo trivial, superficial e a solução rápida, Marilynne Robinson é uma anomalia milagrosa: uma escritora que explora, de maneira reflexiva, cuidadosa e determinada algumas das questões mais profundas que confrontam a espécie humana. *Gilead* é comovente, cativante e escrito de modo lírico. Robinson consegue transmitir o milagre da própria existência.

—Merle Rubin, *Los Angeles Times Book Review*

Gilead é brilhante... Um livro para ser saboreado.

—Elizabeth Taylor, *Chicago Tribune*

Gilead



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Robinson, Marilynne

Gilead / Marilynne Robinson ; tradução de Maria Helena Rouanet.

— São Paulo : Vida Nova, 2022.

320 p.

ISBN 978-65-5967-073-4

Título original: *Gilead*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Rouanet, Maria Helena

22-0805

CDD 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

MARILYNNE ROBINSON

Gilead

Romance

Tradução de
Maria Helena Rouanet


VIDA NOVA

©2004, de Marilynne Robinson
Título original: *Gilead*

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2022

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil/ *Printed in Brazil*

DIREÇÃO EXECUTIVA
Kenneth Lee Davis

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Jonas Madureira

REVISÃO DE TRADUÇÃO
Janaína Senna

EDIÇÃO DE TEXTO
Isabel Aleixo
Daniele Cajueiro

REVISÃO
Hugo Langone
Patrícia Reis
Perla Serafim

REVISÃO DE PROVAS
Ubevaldo G. Sampaio

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO
Sandra Reis Oliveira

CAPA
Douglas Lucas

Meus agradecimentos a Ellen Levine,
e também a Katherine Stall e Earle McCartney.

Para John e Ellen Summers,
meus queridos pai e mãe.

A P R E S E N T A Ç Ã O

Não consigo me lembrar de como *Gilead* chegou até as minhas mãos. Será que foi algum amigo que me indicou? Alguma propaganda que eu vi? Teria sido uma dessas listas anuais de melhores livros do ano que despertou minha curiosidade?

Não sei, Deus o sabe. Sei, entretanto, que essa leitura mudou profundamente a percepção de minha própria vocação. Todo pastor conhece muitos pastores. Todo pastor já conversou com outros acerca de como é a vida ministerial. Sempre temos entre nós aquele ar de amistosa cumplicidade de quem se olha dizendo “só um pastor entende outro”. Ora, que surpresa descobrir que Marylinne Robinson também entende os pastores. Talvez sejamos mais transparentes do que nosso orgulho vocacional permita admitir. Todo pastor tem pastores a quem vê como mentores e exemplos. O que eu nunca imaginava era ser possível ter um pastor fictício como mentor e colega de dores.

Gilead é um livro escrito no formato de uma longa carta de um pai para seu filho. Chamá-lo de carta é, entretanto, terrivelmente inapropriado. *Gilead* é um memorial, um manual de instruções, uma auto-apologética, um registro de

lendas e percepções do que é a vida debaixo do Sol. Um velho pastor, Rev. John Ames, escreve para seu filho temporão acerca de tudo o que importa, bem como de algumas coisas que não importam nem um pouco. Conta as suas velhas histórias, fala de seus lamentos, rememora ocasiões pitorescas, tristes, hilárias e algumas de partir o coração. Com a candura de quem não precisa mais impressionar ninguém e o senso de urgência de alguém que sabe que não vai ter muito mais tempo, Ames precisa deixar algo sólido para seu filho ainda criança, filho que certamente vai experimentar a juventude e a vida adulta sem a presença de seu pai.

Eu fico pensando, às vezes, se o impacto do livro é maior em mim por ser pastor. Seria menor se eu não fosse? Creio que de certo modo sim. Pois são muitas as situações com que me identifiquei. Ao mesmo tempo, quando penso com mais cuidado, noto que são questões universais, não apenas realidades pelas quais pastores passam. Todo mundo sabe o que é a alegria de ver alguém sob seu cuidado desabrochando. Todos já experimentaram como é difícil deixar crescer, como é duro sentir que não vamos acompanhar o final da história. Todos temos rivais, pessoas que são pedra no sapato, amigos de velha data, coisas não bem esclarecidas em nossa jornada e alguns momentos de beleza tal que apenas lembrar deles nos comove novamente. *Gilead* não é acerca de ser um pastor. Mas acerca de ser um humano neste mundo quebrado, debaixo do Sol escaldante e da chuva inebriante.

Esse é o básico. Não precisa saber muito mais. Sim, tem muito que eu poderia tentar utilizar para te animar para a leitura. Poderia te falar bastante sobre os prêmios que *Gilead* recebeu. Tem até Pulitzer. Poderia te contar

sobre a virtuosidade da pena autora. Poderia te explicar que este é o primeiro livro de uma série maravilhosa que no momento conta com quatro livros que se passam no mesmo universo literário.

Eu poderia exaltar a qualidade literária do texto. As frases memoráveis, a beleza da linguagem, a precisão das descrições e a grandeza do escopo de quem captura uma vida inteira num livro.

Eu poderia te lembrar sobre o assombro que é a capacidade que a ficção tem de nos fazer olhar o mundo por outros olhos. E te prometer que este livro te fará visitar terras e ideias antigas, bem como a maravilha do mundo novo.

Eu poderia selecionar alguns trechos para te mostrar como o livro é bom de ler. Mas temo que isso faria com que o impacto da beleza diminuísse quando encontrasses a citação em seu habitat original no livro. Temo que seria como pegar uma ave canora solta na natureza e colocá-la numa gaiola para que a admirasses. Não. Aprecie as maravilhosas frases de Robinson não no cativeiro do prefácio, mas na liberdade do livro.

Não farei nada disso, mas vou te contar, entretanto, que este livro pode te mover em tua fé, teu amor e em tua esperança. Pode te ajudar a entender melhor esta vida e a porvir.

O que um livro pode fazer com o coração? Um livro realmente especial pode ajudar o coração a se enxergar melhor. E assim, a ver melhor o mundo e ajudar a pensar em Deus. Este livro é um desses.

EMILIO GAROFALO NETO

Pastor da Igreja Presbiteriana Semear (Brasília/DF). É bacharel em Comunicação Social e Jornalismo, mestre e doutor em teologia.

ONTEM À NOITE, EU LHE DISSE QUE, ALGUM dia, teria de ir embora, e você me perguntou: “Para onde?” E eu respondi: “Para ficar junto ao Bom Deus.” E você perguntou: “Por quê?” E respondi: “Porque sou velho.” E você disse: “Não acho você velho.” E, pondo a mão sobre a minha, acrescentou: “Não muito velho”, como se isso resolvesse tudo. Eu lhe disse que você teria por certo uma vida muito diferente da minha, e da vida que tinha levado junto comigo, e que isso seria maravilhoso, pois há muitas maneiras de se levar uma vida boa. E você replicou: “Mamãe já me disse isso.” E, depois, exclamou: “Não ria!” Porque achou que eu estivesse rindo de você. Estendeu a mão, pôs os dedos sobre os meus lábios e me deu aquele olhar que eu nunca tinha visto em nenhum outro rosto, a não ser no da sua mãe. É algo como um orgulho feroz, cheio de paixão e de severidade. Fico sempre um pouco surpreso ao ver que as minhas sobrancelhas não saem chamuscadas depois de serem atingidas por um desses olhares. Vou sentir falta deles.

Parece ridículo supor que os mortos sintam falta de algo. Se você for adulto quando ler isso — é o que pretendo com esta carta: que você só a leia quando já for adulto —, já terei partido há muito tempo. E terei aprendido quase tudo o que há para se aprender sobre o que é estar morto. Mas, provavelmente, guardarei para mim essas descobertas. Ao que parece, é assim que as coisas são.

Perdi a conta de quantas pessoas vieram me perguntar como seria a morte; às vezes, eram indivíduos que estavam a uma ou duas horas de descobrir por si próprios. Mesmo quando eu era bem jovem, pessoas tão velhas quanto sou hoje em dia me faziam essas perguntas, segurando as minhas mãos e me olhando bem nos olhos, com aquele velho olhar leitoso, como se soubessem que eu sabia e fossem me *fazer* lhes contar tudo. Eu dizia que era como ir para casa. Não temos uma casa neste mundo, dizia eu, e, então, tomava o caminho de volta até aqui, preparava uma xícara de café com um sanduíche de ovo frito e ficava ouvindo rádio, depois que comprei um para mim. Quase sempre no escuro. Lembra desta casa? Acho que deve se lembrar, sim, por pouco que seja. Cresci em casas paroquiais. Passei a maior parte da minha vida nesta aqui, e conheci várias outras, porque os amigos do meu pai e a maioria dos nossos parentes também viviam em casas paroquiais. E, quando pensava a este respeito, o que não acontecia com tanta frequência assim, achava que esta aqui era a pior de todas, a mais taciturna e a mais cheia de correntes de ar. Bem, era o meu estado de espírito naquela época. É uma velha casa em perfeitas condições, mas eu vivia aqui sozinho. E isso fazia com que ela parecesse estranha. Na verdade, não me sentia muito à vontade no mundo. Mas, agora, me sinto.

E, justo agora, vieram me dizer que o meu coração está fraquejando. O médico usou a expressão *angina pectoris*, que tem um certo quê teológico, como a palavra “misericórdia”. Bem, mas são coisas de se esperar na minha idade. O meu pai morreu velho, mas as suas irmãs não viveram muito, na verdade. Portanto, só tenho a agradecer. Lamento

não ter quase nada para deixar para você e sua mãe. Alguns velhos livros que ninguém mais ia querer. Nunca ganhei muito dinheiro, e também não dei lá muita importância ao pouco que tinha. A última coisa que me passaria pela cabeça é que eu pudesse deixar mulher e filho, acredite. Se soubesse disso antes, teria sido um pai melhor. Teria tentado ameaçar algo para vocês.

Isso é o que tenho de mais importante a lhe dizer: que lamento profundamente os tempos difíceis que você e a sua mãe tiveram de enfrentar, sem contar com qualquer ajuda efetiva de minha parte, a não ser as minhas orações, e eu oro o tempo todo. Foi o que fiz enquanto vivi, e é o que faço também agora, se é que as coisas são assim na outra vida.

Posso ouvir você falando com a sua mãe; você perguntando, ela respondendo. Não são as palavras que ouço, mas o som das vozes de ambos. Você não gosta de ir dormir, e, toda noite, ela precisa tentar convencê-lo a ir para a cama. Nunca a ouço cantando, exceto à noite, no quarto ao lado, quando está pondo você para dormir. E não consigo distinguir a canção que está cantando. A sua voz soa bem baixinho. A mim me parece uma voz maravilhosa, mas ela ri quando digo isso.

Na verdade, já não sei mais dizer o que é bonito. Outro dia, cruzei com dois rapazes na rua. Sei quem são: trabalham na oficina mecânica. Nenhum deles frequenta a igreja; são apenas uns gozadores decentes, que precisam passar o tempo todo fazendo piadas. Lá estavam eles, recostados no muro da oficina, ao sol, acendendo os seus cigarros. Estão sempre tão negros de graxa e com um cheiro tão forte de gasolina que não sei como não ateam fogo em si mesmos.

Trocavam gracinhas, como sempre, e riam com aquele seu jeito malicioso. E eu os achei bonitos. É incrível olhar para as pessoas rindo; ver como o riso meio que se apossa delas. Às vezes, é preciso lutar contra ele. Vejo isso com frequência na igreja. Então, fico imaginando o que é aquilo, e de onde vem, e me pergunto por que razão ele exige tanto de nós, a tal ponto que temos que rir até o riso terminar; mais ou menos o mesmo que acontece com o choro, acho eu. Com uma diferença: o riso é muito menos sofrido.

Quando os tais rapazes viram que eu estava me aproximando, pararam com as gozações, é claro, mas pude perceber que continuavam rindo por dentro, pensando que o velho pastor por pouco não ouviu o que estavam dizendo.

Tive vontade de lhes dizer que gostava de piadas, como qualquer um. Houve várias situações na minha vida em que quis dizer isso. Mas não é algo que as pessoas estejam dispostas a aceitar. Elas querem vê-lo a uma certa distância. Tive vontade de dizer: estou morrendo, e não terei mais muitas oportunidades de rir, pelo menos não neste mundo. Mas isso só faria com que eles ficassem sérios e reservados, suponho. Estou guardando segredo sobre as minhas condições de saúde, pelo máximo de tempo que puder. Para alguém que está morrendo, tenho me sentido bastante bem, o que é uma bênção. É claro que a sua mãe está sabendo de tudo. Ela disse que, se estou me sentindo bem, talvez o médico tenha se enganado. Mas, na minha idade, há um limite para enganos desse tipo.

Isto é o que há de mais estranho com relação a esta vida, com relação a exercer o ministério. As pessoas mudam de assunto quando nos veem chegando. E, às vezes, essas

mesmas pessoas vêm ao nosso escritório e nos contam as histórias mais incríveis. Há muita coisa sob a superfície da vida, todo mundo sabe disso. Muito rancor, muito medo, muita culpa, e tanta solidão... Até mesmo onde não esperaríamos encontrá-la.

O pai da minha mãe era pastor; o do meu pai, também. E o pai do meu avô, e, antes dele, não se sabe, mas eu não hesitaria em apostar que sim. Que essa vida era uma segunda natureza para eles, assim como é para mim. Todos eram pessoas de bem, mas, se há algo que devia ter aprendido com eles, e não aprendi, é como controlar o meu gênio. Eis uma sabedoria que devia ter conquistado há muito tempo. Mesmo agora, quando uma palpitação no meu ritmo cardíaco me faz pensar no fim, vejo-me perdendo a calma porque uma gaveta emperrou ou porque não sei onde pus os óculos. Estou lhe dizendo isso pois é algo a que se deve dar atenção.

Um pouco de raiva em excesso, com muita frequência ou na hora errada, é capaz de destruir mais coisas do que se poderia imaginar. Acima de tudo, tenha cuidado com o que diz: “Considerai como uma pequena chama pode incendiar uma grande floresta! Também a língua é um fogo” — é a mais pura verdade. Quando o meu pai já estava velho, disse exatamente isto em uma carta que me escreveu. Carta que, aliás, queimei. Atirei direto no fogareiro. Isso me surpreendeu muito mais naquela época do que agora, retrospectivamente.

Creio que vou experimentar ser franco aqui. Mas digo isso com todo respeito. O meu pai, que Deus o tenha, era um homem que agia por princípio, como ele mesmo dizia. Agia

por ter fé na verdade tal como a concebia. Mas algo, no seu jeito de fazer isso, era, às vezes, desapontador, e não apenas para mim. Digo isso apesar de todo o cuidado que ele teve com a minha criação, e lhe sou profundamente grato por isso, embora ele próprio pudesse discordar dessa afirmação. Tenho certeza de que o desapontei, e isso é impressionante, pois tivemos as melhores intenções um para com o outro.

“Ouvís, de fato, e não entendeis, e vedes, em verdade, mas não percebeis”, como disse o Senhor. Não posso afirmar que entendo esta passagem, mesmo depois das tantas vezes que a li e até mesmo de ter feito pregações sobre este tema. Ela simplesmente continua a ser algo profundamente misterioso. Você pode conhecer algo muitíssimo bem, e ser inteiramente ignorante a seu respeito sob todos os aspectos. Um homem pode conhecer o seu pai, ou o seu filho, e, mesmo assim, pode não haver nada entre eles a não ser lealdade, amor e incompreensão mútua.

Menciono isto apenas porque pretendo dizer que as pessoas que sentirem algum tipo de mágoa com relação a você vão supor que esteja com raiva, e verão raiva no que você fizer, mesmo que esteja só vivendo a vida que escolheu. Elas fazem com que duvide de si mesmo, o que, dependendo da situação, pode representar um sério transtorno e uma perda de tempo. Eis uma coisa que gostaria de ter compreendido muito mais cedo do que efetivamente o fiz. Só de refletir a este respeito, já fico um tanto irritado. E admito que a irritação é uma forma de raiva.

Uma das grandes vantagens de uma vocação religiosa é que ela nos ajuda a nos concentrar. Ela nos dá uma boa noção básica do que está sendo pedido de nós e, também,

do que devemos ignorar. Se eu tiver alguma sabedoria a transmitir, esta ideia representa, sem dúvida, boa parte dela.

Você veio abençoar a nossa casa há pouco menos de sete anos; anos bem magros, aliás, e já tão tarde na minha vida. Não há nada que eu possa fazer para mudar as coisas, e deixar vocês dois em situação melhor. Mesmo assim, fico pensando nisso, e oro. É algo que me preocupa muito. Queria que soubesse disso.

Estamos tendo uma primavera magnífica, e hoje é mais um lindo dia. Você estava meio atrasado para o colégio. Nós o pusemos em uma cadeira, comendo torradas com geleia, e a sua mãe engraxou os seus sapatos enquanto eu penteava o seu cabelo. Você tinha uma página de contas de somar para fazer, um dever que devia ter sido feito ontem à noite, e levou horas tentando que os algarismos ficassem todos alinhados, bem certinho. Como a sua mãe, você leva tudo muito a sério. Os idosos te chamam de diácono, mas essa seriedade não foi toda herdada do meu lado da família. Eu nunca tinha visto algo assim antes de conhecê-la. Excetuando-se o meu avô, é claro. Aquilo me parecia meio tristeza, meio fúria, e perguntava com os meus botões que acontecimentos da sua vida teriam posto tal expressão nos seus olhos. Depois, quando você tinha uns três anos, ainda bem pequenininho, entrei certa manhã no seu quarto e o vi no chão, pegando sol, de macacão, tentando descobrir um jeito de consertar um giz de cera que tinha se quebrado. Ergueu, então, os olhos para mim, e era exatamente aquele mesmo olhar. Em várias ocasiões, me lembrei daquele instante. Sabe, às vezes tinha até a impressão de que você ficava

contemplando a vida, contemplando problemas que orei para que nunca viesse a ter, e pedindo que eu tivesse a gentileza de me explicar.

“Você é exatamente como todos aqueles velhos da Bíblia” — é o que a sua mãe me diz, e seria verdade, se eu pudesse dar um jeito de viver cento e vinte anos, e, quem sabe, possuir algumas vacas, uns bois, alguns criados. O meu pai me legou um ofício que, por acaso, era também a minha vocação. Mas, na verdade, era uma segunda natureza para mim. Cresci com ela. Ao que tudo indica, este não vai ser o seu caso.

Vi uma bolha passar flutuando pela janela, grande, trêmula, começando a assumir aquele tom azul-libélula que elas têm pouco antes de estourarem. Baixei, então, os olhos para o quintal e lá estavam vocês dois, soprando bolhas de sabão para cima da gata, fazendo uma tal cortina que o pobre animal estava enlouquecido, sem saber para que lado correr. Na verdade, ela só fazia pular no ar, a nossa Xampu, sempre tão bonachona... Algumas das bolhas voavam até os galhos das árvores, às vezes subindo mesmo mais alto que elas. Mas vocês dois estavam tão concentrados na gata que nem percebiam as consequências celestiais dos seus esforços terrenos. E elas eram maravilhosas. A sua mãe, com aquele vestido azul, e você, de camisa vermelha, ambos ajoelhados no chão, tendo Xampu ao lado, e aquele fulgor das bolhas de sabão que iam subindo. E muitas risadas. Ah, esta vida... Este mundo...

A sua mãe lhe contou que estou escrevendo sobre as suas origens, e você pareceu gostar muito da ideia. Então, está

certo. O que devo registrar para você? Eu, John Ames, nasci no ano de Nosso Senhor de 1880, no estado do Kansas, filho de John Ames e de Martha Turner Ames, neto de John Ames e de Margaret Todd Ames. No momento em que estou escrevendo essas páginas, vivi setenta e seis anos, setenta e quatro dos quais aqui em Gilead, Iowa, excetuando-se o tempo passado na universidade e no seminário.

E o que mais poderia lhe dizer?

Quando eu tinha doze anos, o meu pai me levou ao túmulo do meu avô. Naquela época, fazia uns dez anos que a minha família estava morando em Gilead, pois o meu pai servia na igreja daqui. O meu avô, que tinha nascido no Maine e ido para o Kansas nos anos 1830, morou aqui conosco por algum tempo, depois de se aposentar. Mais tarde, decidiu sair por aí afora, como uma espécie de pastor itinerante. Pelo menos era o que acreditávamos. Morreu no Kansas, onde foi enterrado, perto de uma cidade que tinha perdido vários dos seus habitantes. A seca tinha feito com que muitos fossem embora, os que ainda não haviam deixado a cidade para ir morar em locais mais próximos da estrada de ferro. É claro que só havia uma cidade por lá, para começar porque era no Kansas e as pessoas que se instalaram ali eram adeptas do “solo livre”, gente que não estava exatamente pensando a longo prazo. Não uso muito o termo “desamparado”, mas, quando penso naquele lugar, esta é a palavra que me ocorre. O meu pai levou meses para encontrar o local onde o velho tinha morrido; precisou escrever inúmeras cartas pedindo informações a igrejas, jornais etc. Ele se empenhou muito nessa tarefa. Finalmente, alguém lhe respondeu, enviando

um embrulhinho que continha o relógio do meu avô, uma velha Bíblia muito surrada e umas cartas, que, como vim a saber mais tarde, eram apenas algumas daquelas que o meu pai tinha mandado e que foram decerto entregues ao meu avô por pessoas que achavam que aquilo pudesse convencê-lo a voltar para casa.

O meu pai sofreu amargamente porque as últimas palavras que dirigiu ao próprio pai haviam sido escritas com muita raiva, e jamais poderia haver uma reconciliação entre os dois nesta vida. De um modo geral, ele tinha realmente muito respeito pelo pai, e foi difícil aceitar que as coisas tivessem terminado daquele jeito.

Isso aconteceu em 1892, e, portanto, as viagens ainda eram algo bem difícil. Fomos de trem até onde era possível. Depois, o meu pai alugou uma carroça com uma parrelha de cavalos. Não precisávamos de tanto, mas foi tudo o que pudemos conseguir. Algumas vezes, tomamos o rumo errado, e nos perdemos. Além disso, tínhamos tanta dificuldade para dar água aos cavalos que acabamos deixando-os em uma fazenda e seguindo viagem a pé. As estradas eram terríveis; repletas de poeira onde havia trânsito, estorricadas e cheias de buracos quando eram pouco utilizadas. O meu pai estava levando algumas ferramentas em um saco de anagem, pois pretendia deixar a sepultura em bom estado; eu ia carregando as nossas provisões de comida, umas bolachas e carne-seca, além de algumas maçãs colhidas, aqui e ali, pelas estradas, e ainda umas mudas de camisas e de meias, sendo que, àquela altura, todas já estavam sujas.

Na verdade, ele não tinha condições financeiras para fazer essa viagem na época, mas andava pensando tanto